

RESENHAS

Bundio, J. S. (2020). *La identidad se forja en el tablón. Masculinidad, etnicidad y discriminación en los cantos de las hinchadas argentinas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani, Universidad de Buenos Aires. 210 p.

ANA PAULA COMIN DE CARVALHO

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira/BA, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3457-630X>

anapaulacomin@ufrb.edu.br

La identidad se forja en el tablón analisa os “cantitos” das “hinchadas” de futebol argentinas, que consistem em trechos de músicas cujas letras foram parcial ou totalmente modificadas com o propósito de apresentar uma imagem positiva da “hinchada” (torcida), celebrar o seu pertencimento a ela, zombar ou insultar os rivais ou ainda incentivar seu time. Seu escritor, Javier Sebastián Bundio, é Doutor em Ciências Sociais e graduado em Ciências Antropológicas pela Universidade de Buenos Aires. Ele atua como pesquisador do Conicet e do Instituto de Pesquisa Gino Germani e leciona nas Universidades de Buenos Aires e de Avellaneda, na Argentina.

Bundio realiza uma análise de representações acerca da alteridade presentes nos “cantitos”, fenômeno próximo aos gritos das torcidas de futebol brasileiras, mas que resguarda uma série de particularidades que nos são apresentadas ao longo da obra, dividida em sete capítulos além da introdução e considerações finais. Eles são elaborações de canções criadas em outros contextos, evidenciando a passagem de tais produções da indústria cultural ao futebol e em algumas circunstâncias para outros cenários como o político. Ao longo de oito anos de pesquisa (entre 2009 a 2011 e 2012 a 2017) Bundio reuniu 502 “cantitos” que utilizam 126 melodias diferentes e que foram criados em diversos períodos históricos entre 1925 a 2017. Estes correspondem a 26 torcidas de futebol de diversas partes do país. Lançando mão da análise de discurso, de entrevistas, observação participante, pesquisa documental e de jornais, o autor explora as lógicas particulares do fenômeno cultural das “hinchadas” e a articulação destas com os processos sociais, históricos e culturais mais amplos como o machismo, o racismo e a xenofobia.

O escritor destaca a importância de compreender a violência presente entre os torcedores como socialmente significativa, ou seja, com sentido contextual e situacional, e não apenas uma válvula de escape para a marginalidade estrutural destes sujeitos. Além disso, toma o futebol como um ritual comunitário, drama social ou arena pública – inspirado explicitamente em Victor Turner

– que nos permite atentar para as narrativas que emergem nesse contexto e que apontam para o dinâmico e complexo processo de conformação e confrontação de identidades próprias e de outros. Em especial no capítulo 2 – “El aliento como actuacion” –, o futebol é apresentado enquanto uma arena pública em que se desenrolam alguns dos dramas da sociedade argentina. O ritual futebolístico não cumpre apenas a função principal de gerar um sentimento de comunidade, mas reafirma as estruturas hierárquicas patriarcais da sociedade. O campo futebolístico, nos termos bourdianos, goza de autonomia relativa em relação a outros, podendo nele se expressar o que é publicamente censurado nos demais contextos.

Desse modo, o autor assume uma posição mais crítica no âmbito dos estudos sociológicos sobre esporte ao passo que destaca o papel que o futebol cumpre na formação e manutenção das barreiras sociais. Os “cantitos” normalizam discriminações que os torcedores são capazes de reconhecer enquanto tais em outros contextos, mas que se legitimam, se minimizam e se banalizam quando praticadas durante os jogos. Bundio demonstra o forte vínculo e naturalização das concepções machistas, racistas e xenófobas no futebol argentino. Através dos “cantitos” se encenam imagens de nós e dos outros construídas a partir de uma lógica de uma representação dicotômica excludente.

Os torcedores não reconhecem o caráter discriminatório dos insultos porque injúrias em geral fazem parte da atuação e se interpretam a partir da lógica de oposição binária das torcidas. Desta maneira, para tais grupos os insultos não são graves e formam parte do folclore do futebol. Os “cantitos” constituem relatos acerca do social que tem a vantagem de dar-se num espaço de não censura, onde os xingamentos explícitos estão legitimados. O caráter anônimo do processo de enunciação permite ao indivíduo diluir-se num agente coletivo e o contexto de emissão possui uma carga situacional que se define como uma guerra passional entre duas facções onde tudo vale. De acordo com o autor, tais características do fenômeno estão alinhadas com sua própria definição de “aliento” (torce/animar/incetivar) – um duelo simbólico onde não existem limites ao grau de violência simbólica que podem exercer um sobre o outro, visto que é legítimo ofender-se mutuamente. Os “cantitos” se configuram assim como discursos não sérios, lúdicos, um espaço para a expressão legítima de certos estigmas, tema explorado no capítulo 7 – “Actuaciones culturales y Desigualdades”.

Encontramos nesta obra, em especial no capítulo 1 – “Identidades futboleras” –, uma perspectiva processual e relacional de identidade, focada nos limites e distinções estabelecidas entre os grupos, inspirada explicitamente em Fredrik Barth. No ato de torcer, entoando canções, nos encontramos frente a duas torcidas que estão negociando os limites grupais. Nessa interação se produz um efeito de uniformidade onde as distinções individuais se enfraquecem em favor da homogeneidade do coletivo. No marco do “aliento” os “hinchas” cantam para animar o seu time, mas também para expressar uma identidade ao expor no discurso as crenças relevantes para o grupo e os critérios de pertencimento ao mesmo. O duelo de forças antagônicas que se dá no marco do “aliento” responde a um jogo que tem um objetivo: a busca de um ganho simbólico baseado num ideal de honra e masculinidade.

Segundo Bundio, a construção das identidades argentinas (especialmente a masculina) está atravessada pelo futebol como fator aglutinador primário, apoiado pelo desaparecimento e enfraquecimento de outros discursos constituintes dos sujeitos. Estas identidades transitam hoje entre processos de tribalização fragmentada e a construção de uma representação nacional. Nos anos 1990 as identidades futebolísticas tradicionais entraram numa crise, propiciando a emergência de posições locais entre as torcidas. Desse modo, elas começaram a perceber a si mesmas como as únicas fiéis a cor dos seus times frente aos jogadores traidores, dirigentes corruptos e jornalistas mercenários. Tal identidade se mantém por meio do incessante visitar aos estádios para torcer pelo seu time. O processo de fragmentação identitária que atingiu as torcidas de maneira geral, também se fez sentir no seu interior com a criação de grupos. Desse modo, o futebol se constitui atualmente como um dos eixos possíveis de identidades locais no contexto argentino.

A diferença entre as “hinchadas” é o elemento que se constrói graças à atuação/performance. Para o torcedor há algo mais na partida de futebol que o mero resultado. Esse excedente simbólico é o que as “hinchadas” disputam. Torcer pelo seu time envolve a comunicação verbal (cantos coletivos, insultos e piadas individuais), posturas e gestos, escrita e desenhos presente nas bandeiras e estandartes, vestimenta e aparência. Para seus integrantes existem dois grandes princípios que organizam não apenas as representações, mas também as práticas coletivas e morais dos grupos. Aquilo que em termos nativos se conhece como “aliento” e “aguante”. Existe o “aguante” que é o enfrentamento físico e o “aguante” das “hinchadas” militantes que caracteriza a resistência estoica e de caráter festivo, o “aguante aliento”. Este universo está atravessado por uma lógica trágica (que podemos associar ao “aguante”), mas também por uma cômica e festiva (associada ao “aliento”).

Há uma série de categorias classificatórias no universo dos “hinchas” que remetem a variáveis como: frequência e localização ao e nos estádios, condutas, práticas e ações durante a partida, o tipo de vínculo e investimento com o time e o clube, dentre outros fatores. O autor critica algumas delas como a de “barra-brava”, criada pela mídia para tipificar o torcedor violento; ou “hinchadas militantes”, criada pela academia para tipificar o torcedor engajado e ligado emocionalmente ao time. Ele propõe uma definição dos atores com base em critérios performáticos. Bundio chama “hinchada” aquela comunidade de simpatizantes que participa ativamente do “aliento” e está organizada para levar adiante a prática no marco deste ato. Ele denomina “barra” como um núcleo da torcida, líderes informais que desenvolvem as atividades organizativas dentro do grupo, mas prefere chamá-los de “hinchas organizadores”.

O desenvolvimento histórico dos “cantitos” ao longo do século XX e XXI é reconstruído pelo autor nos capítulos 3 e 4 – respectivamente “Los cantitos de Cancha” e “De Las Muergas al Hit del Verano”. Os gritos, hinos e cantos acompanham o futebol desde suas origens, mas foi a partir dos anos 1940 que passaram a contar com melodia na Argentina. Na década de 1950 o futebol se constituiu como um espaço de afirmação masculina mediante práticas violentas reguladas por um código de honra tradicional associada a ideologia de bairro que privilegiava a luta entre iguais, “mano a mano”. No entanto, nesse período os cantos são simples, ovações aos jogadores ao time e celebração de vitórias. Nos anos 1960, com a popularização da TV as

melodias para os “cantitos” passam a provir de propagandas e programas televisivos. Durante esse período se radicaliza a relação com os rivais e com a polícia na forma de insultos e da violência simbólica ao rival enquanto reafirmação da identidade masculina no futebol.

Ao longo dos anos 1970, surge um grande número de “cantitos” inspirados no rock nacional argentino. Entre 1970 e 1980 percebe-se uma mudança nas práticas de “aliento”, do cômico ao trágico, com a celebração simbólica da morte do outro, permitindo violência potencial ou real. Na década de 1980 os imigrantes, pobres, grupos étnicos e estrangeiros passam a ser objeto de riso e xingamentos nos “cantitos”. Nos anos 1990 a cumbia (ritmo musical de origem colombiana que se mescla ao tango e ao flamenco espanhol na Argentina e no senso comum é considerado música de negros) adquire maior presença nos estádios. No século XXI a disputa dos “hinchas” entorno dos significados de “aguante” se expressa nos “cantitos”. Além disso, as redes sociais passam a ser utilizadas para difundir os cantos argentinos que passam a ser copiados/modificados por torcidas de outros países do mundo.

Podem se identificar vários tipos de “cantitos”: os auto elogiosos, os insultos, as burlas, as arengas, as celebrações e as ameaças. Nos auto elogiosos os homens expressam sentimentos que não podem fazer em outros espaços porque seriam considerados não masculinos. As arengas e ameaças tanto podem ser para o próprio grupo, time ou para os rivais. Os insultos e as burlas são usados para construir uma imagem do outro com atributos negativos que ora feminizam ou prostituem (puta) o rival, homossexualizam ou atribuem um papel sexual passivo (puto), como vai demonstrar o autor no capítulo 5 – “Hijos, Putas e Putos”.

O futebol como universo masculino é organizado de maneira polar entre os homens e não homens. Os discursos produzidos nesse contexto definem o lugar da mulher fora ou numa posição subordinada para desqualificar o rival. O enunciador do discurso é masculino assim como aquele a quem se dirige exceto nos casos em que se constrói o outro desmasculinizado (puto e puta). Os “cantitos” estão associados a masculinidade e as fronteiras de gênero a partir de uma expressão autoritária da sexualidade que implica que ser homem é converter os outros em não homens. Ao xingar o outro seja por palavras ou gestos ofensivos de cunho sexual oral ou anal, por exemplo, ou ao afirmar em versos que os homens têm “aguante” (resistência) enquanto os putos não têm.

O mundo masculino não se opõe apenas ao mundo feminino, mas também aparece associado à ideia de maturidade a autonomia, ao passo que uma das formas de diminuir o rival é infantilizá-lo. Os insultos também podem estar vinculados a posição social marginal (vileiro), a nacionalidade (boliviano), a pertença étnica (negro ou judeu) ou a corporalidade (gordo). Estes tipos de xingamentos são explorados em maior profundidade no capítulo 6 – “Negros, extranjeros y villeros” –, onde constatamos que a alteridade é representada nos “cantitos” como estrangeira, mestiça e pobre, vinculada a territórios e “hinchadas” particulares sem necessária conexão com a realidade social. O enfrentamento a estereotipização e ao estigma aparece de três formas nos “cantitos”: negação, imputação a outro ou conversão deles em emblema da “hinchada”.

Ainda que vários estudos tenham abordado a relação entre esporte e identidade e os fenômenos de violência no futebol, poucos trataram a questão da etnicidade e da discriminação nestes

contextos. Bundio enriquece a compreensão sobre a agressividade dos torcedores ao tomá-la como socialmente significativa e parte de um drama social e demonstra a importância do futebol na construção da masculinidade argentina, assim como na legitimação de estereótipos de gênero, raça, classe e nacionalidade numa perspectiva interacionista. Embora as pesquisas sociológicas sobre o esporte já tenham constituído um campo consolidado, os gritos, hinos e canções de torcidas não tem sido objeto de investigações aprofundadas com raras exceções. O presente livro contribui de modo extremamente competente para preencher essa lacuna, reconstituindo histórica e etnograficamente os espaços, os agentes, as práticas, as dinâmicas, os discursos, os seus sentidos e significados a partir do referencial teórico antropológico dos rituais e da performance.

Ana Paula Comin de Carvalho é Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora Associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

RECEBIDO: 28/02/2022

APROVADO: 30/08/2022

PUBLICADO: 23/12/2022



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC